



Educação. Revista do Centro de Educação

ISSN: 0101-9031

claubell@terra.com.br

Universidade Federal de Santa Maria

Brasil

Rosa Espindola, Claiton; Alves da Silveira de Vasconcellos, Vanessa
Costurando histórias: histórias de vida e suas contribuições na educação
Educação. Revista do Centro de Educação, vol. 35, núm. 2, mayo-agosto, 2010, pp. 329-343
Universidade Federal de Santa Maria
Santa Maria, RS, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=117117124010>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Costurando histórias: histórias de vida e suas contribuições na educação

Claiton Rosa Espindola*

Vanessa Alves da Silveira de Vasconcellos**

Resumo

Construímos este artigo analisando alguns aspectos do filme *Colcha de Retalhos* (1995), que é uma produção cinematográfica, que foi proposta para que assistíssemos e, posteriormente, refletíssemos em uma de nossas aulas do Seminário temático da Linha de Pesquisa 1: Memória, Formação e Histórias de vida, disciplina ofertada pelo Programa de Pós-graduação do curso de Mestrado em Educação da Universidade Federal de Santa Maria. O filme enfoca as histórias de vida de um grupo de mulheres, tendo a colcha de retalhos como mediadora de suas relações sociais, bem como um suporte de comunicação para seus sentimentos e emoções, a partir das várias histórias, símbolos, figuras e desenhos que são apresentados nos bordados nesta “colcha de memórias”. Procuramos também fazer uma relação do filme com a metodologia História de Vida, e como esta se mostra rica nas pesquisas no campo educacional, proporcionando processo de autoformação aos sujeitos sociais envolvidos, à medida que o esforço pessoal de explicitação de uma dada trajetória de vida obriga a uma grande implicação e contribui para uma tomada de consciência individual e coletiva.

Palavras-chave: História de vida; Formação; Subjetividade.

Sewing histories: life histories and its contributions

Abstract

This article was written after the analysis of some aspects of the film “*Colcha de Retalhos*” (How to make an American Patchwork Quilt) (1995) which was proposed to be watched and discussed at a working session of the Linha 11 Seminar: Memory, Development and Life Stories” subject offered by the graduate program (Master level) in Education of the Federal University of Santa Maria. The film focuses the life stories of a group of women having the patchwork quilt as the mediator of their social relationships as well as a communication basis for their feelings and emotions from the many stories, symbols, images and drawings shown on the embroidered “quilt of memories”. Have also tried to link the film

* Nutricionista, mestrando em educação pelo Programa de Pós-graduação em Educação (UFSM), membro do Gepeis, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil.

** Pedagoga, mestranda em educação pelo Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil.

Claiton Rosa Espindola – Vanessa Alves da S. de Vasconcellos

with the life story methodology once it is on the educational research , providing self education to those involved as the personal effort of explanation of a given life course imposes a great deal of involment and contributes to an individual and a collective consciousness

Keywords: Life history; Education; Subjectivity .

Costurando histórias: histórias de vida e suas contribuições na educação

Atualmente existe um crescente interesse nos estudos que envolvem memória, o que vem provocando pesquisadores das mais diversas áreas, principalmente porque estes trabalhos abordam aspectos da cultura popular, da vida em família, dos hábitos e costumes de uma localidade, que são, sem dúvida, pontos que remetem à uma constituição social da memória. Para Oliveira (2004, p.16):

produções subjetivas são importantes para as pesquisas que se têm ocupado com as histórias de vida, através de relatos autobiográficos, orais e escritos. Existe na memória elementos norteadores, que dão configurações às imagens que ilustram subjetividades.

Refletir sobre memórias e histórias de vida foi um dos objetivos propostos pelo Seminário temático da Linha de Pesquisa 1: Memória, Formação e Histórias de vida,¹ para, dessa forma, perceber as possibilidades da utilização de histórias de vida, estilos e práticas como um elemento rico para a pesquisa.

Colcha de Retalhos (1995) é uma produção cinematográfica que vai ao encontro destas ideias e que foi proposta para que assistíssemos e, posteriormente, refletíssemos em uma de nossas aulas, convocando-nos a pensar um pouco mais sobre o universo feminino. Uma obra verdadeiramente poética, tocante e intensa, que conta um pouco dos dilemas e das escolhas de todos nós, na qual cada um é levado a querer tentar encaixar seus próprios retalhos nesta colcha.

Procuramos, neste sentido, construir este artigo analisando alguns aspectos do filme, que enfoca as histórias de vida de um grupo de mulheres, tendo a colcha de retalhos como mediadora de suas relações sociais, bem como um suporte de comunicação para seus sentimentos e emoções, a partir das várias histórias, símbolos, figuras e desenhos que são apresentados nos bordados nesta “colcha de memórias”. Procuramos também fazer uma relação do filme com a metodologia História de Vida, e como esta se mostra rica nas pesquisas no campo educacional e também em experiências formativas realizadas em escolas.

A sinopse

“Enquanto elabora sua tese e se prepara para se casar, Finn Dodd (Wynona Ryder), uma jovem mulher, vai morar na casa da sua avó (Ellen Burstyn). Lá estão várias amigas da família, que preparam uma elaborada colcha de retalhos como presente de casamento. Enquanto o trabalho é feito, ela ouve o relato de paixões e envolvimento, nem sempre moralmente aprováveis, mas repletos de sentimentos que estas mulheres tiveram. Neste meio tempo, Finn Dodd se sente atraída por um desconhecido, criando dúvidas no seu coração que precisam ser esclarecidas.”

O filme...

Adaptado para o cinema pela roteirista Jane Anderson, a partir do *best-seller* de Whitney Otto (*How to make an american quilt*), traduzido “Colcha de Retalhos” traz a tona a histórias e experiências de vidas muito ricas em significações. No elenco estão grandes atrizes dos anos 1950-1960, como Lois Smith, Jean Simmons, Ellen Burstyn e Anne Bancroft, todas agora em idade madura. Já nas primeiras cenas a câmera foca o desenrolar de um carretel de linha, como se, ao longo das cenas que estão por vir, a vida, comparada a este carretel, vai se desenrolar pouco a pouco e onde também alguns nós serão desfeitos.

Trata da história de vida de um grupo de mulheres experientes que costumam se reunir anualmente para confeccionar uma colcha com retalhos, em que cada uma tem a tarefa de bordar, no pedaço de pano, parte de sua história, algo relacionado com seus sentimentos, para depois unirem todos os pedaços e formarem a colcha e assim, através dos bordados, começam a lembrar-se e a remeterem-se aos momentos de suas vidas que consideram terem sido realmente felizes. Nesse sentido, acreditamos que “as histórias de vida permite dar a palavra àqueles que vivenciam processos sociais” (NARVAES, 2004, p. 42).

Grandes personagens, pequenas histórias; que consideramos ser uma acumulação dos fatos e acontecimentos que constituíram aquelas mulheres enquanto sujeito e que estavam guardados nas prateleiras de sua memória, nem sempre obedecendo a uma ordem cronológica, alfabética e/ou separadas e arquivadas por assuntos. Mas, de alguma maneira, sabiam que estavam lá e que teriam de encontrá-las, mesmo que, muitas vezes, de forma desarticulada, dolorida e sem sentido em um primeiro acesso.

Concordamos com Maurice Halbwachs (1990, p. 60) quando ele refere que “Não é na história aprendida, é na história vivida que se apóia nossa memória”. Ainda dentre as justificativas para o uso da narrativa, concordamos também com Connelly e Clandinin (1995, p.11), quando ressaltam que: “*es que los seres humanos somos organismos contadores de historias, organismos que, individual y socialmente, vivimos vidas relatadas. El estudio de la narrativa,*

Claiton Rosa Espindola – Vanessa Alves da S. de Vasconcellos

por lo tanto, es el estudio de la forma en que los seres humanos experimentamos el mundo". Percebemos, no entanto, que o estudo da narrativa é uma possibilidade pela qual podemos experimentar e vivenciar o mundo: nosso e dos outros.

Assim, é possível, por este processo, pensar as diferentes formas como os distintos personagens experimentam o mundo, que são, muitas vezes, traduzidas nos relatos autobiográficos.

Finn Dodd, a neta, personagem interpretada por Wynona Ryder, é uma jovem estudante graduada, que está tentando produzir sua tese de mestrado pela terceira vez. Para conseguir trabalhar melhor, decide respirar o ar fresco da cidade calma, ao sul da Califórnia – um lugar bucólico em meio a plantações frutíferas – e passar três meses na casa da sua avó, Hy Dood, e da tia-avó Gladys-Joe, onde morou quando criança depois da separação dos pais. Neste momento, a jovem enfrenta questionamentos e precisa tomar decisões sobre seu futuro profissional e amoroso, pois está dividida entre abrir mão de sua liberdade ou casar-se com Sam, seu namorado.

Na fazenda, encontram-se várias amigas da família, o grupo de seis senhoras com mais de 50 anos e mais a filha de uma delas, que prepara uma elaborada colcha, que será um presente para o casamento de Finn Dodd. O tema da colcha deste ano será “onde mora o amor”. Enquanto o trabalho é feito, Finn começa a escutar todos os relatos daquelas mulheres e passa a conhecer muito de seus momentos, sentimentos e segredos e fatos do passado, nem sempre moralmente aprováveis para uma época. Segundo Oliveira (2004), nas histórias de vida, é posto em evidência o modo como cada pessoa invoca conhecimentos, valores, energias, repertórios.

Finn percebe que passa a fazer parte daquelas histórias, que aquela é também a sua história, e coloca-se a pensar o que realmente é importante e o que ela deseja para sua vida. Dessa forma, ela decide utilizar, como objeto de seu estudo, todas aquelas histórias, pois produções subjetivas contribuem e enriquecem pesquisas relacionadas às histórias de vida, através dos relatos orais que aconteceram no filme. Assim podemos pensar que:

A lembrança é em larga medida uma reconstrução do passado com a ajuda de dados emprestados do presente, e, além disso, preparada por outras reconstruções feitas em épocas anteriores e de onde a imagem de outrora manifestou-se já bem alterada. (HALBWACHS, 2004, p. 75)

Podemos também recordar que, para Simons (2000, p. 67):

A memória pode ser subjetiva ou individual (pois se refere a experiências únicas vivenciadas pelo indivíduo), mas

Costurando histórias: histórias de vida e suas contribuições na educação

também social porque é coletiva, pois se baseia na cultura de um agrupamento social e em códigos que são aprendidos nos processos de socialização que se dão no âmago da sociedade.

A primeira personagem a contar sua história para Finn foi a sua avó, Hy, que, em um momento de desespero, quando cuidava do marido no leito de morte, teve um envolvimento com o marido da irmã Gladys, que descobre a traição e não perdoa o marido e nem a irmã, e começa a quebrar todos os enfeites que vê pela frente na casa. Depois, decide juntar todos os cacos e fazer uma intervenção artística em uma das suas paredes. Existe aí uma ótima metáfora, neste quebrar tudo e depois, em uma tentativa, juntar seus cacos para transformar em obra na parede. Neste sentido, lembramo-nos das palavras de Oliveira (2004, p. 16), quando diz que “a memória tem por excelência um trabalho que organiza, busca, junta, rejunta, cola, desmonta, dando uma configuração às imagens que desenha novas subjetividades”.

Em seguida, ficamos sabendo da história de Sophia, que tinha fama de assustar as crianças. Quando jovem, Sophia tinha sido uma linda mulher e sonhava em ser uma grande nadadora e mergulhadora, porém conhecera um rapaz, que era geólogo, e com ele casou-se cedo e teve três filhos. Dessa forma, seu sonho acabou ficando de lado, pois decidira abrir mão de sua possível carreira. Após algum tempo, um de seus medos se concretizara: o marido saíra em viagem e não mais retornara. A história de Sophia chama atenção, pois parece estar marcada por uma antítese, pois ela era nadadora (da água) e ele geólogo (terra). O marido construíra um lago para ela, como forma de compensá-la por ter largado a natação pela família.

Outro detalhe que chama a atenção nessas primeiras histórias e pode ser também compreendido como certo paradoxo é o fato de as irmãs mostrarem-se alegres, apesar de todo o ocorrido, enquanto Sophia fazia questão de sustentar sua infelicidade e amargura.

A próxima história a ser revelada é de Em, da qual todas as outras mulheres sentiam uma espécie de pena, pois ela fora casada com um artista (Dean) que, desde o início de seu casamento, a traía com outras mulheres. Nesta cena aparece um divã vermelho, onde o pintor tentava fazer o seu retrato. Mas ele, em razão do grande desejo e atração que sente por ela, não consegue pintá-la. Em diz uma frase que chama bastante atenção: “A fêmea fica no ninho enquanto o macho sai para exibir suas penas”, fazendo uma insinuação ao papel submisso das mulheres em sua época.

As últimas memórias reveladas no filme são da mãe e filha negras (Anna e Marianna). Ana, quando nova, logo após o término da escravidão, fora trabalhar para a família de Gladys-Joe, mas agora, na construção da colcha, ela é a chefe da costura, pois a tradição da costura fora algo que herdara de sua

família. Surge nessa história um corvo preto, que sintetizava a força, a garra e a perseverança da mulher negra. O grande amor na vida de Anna era a filha, Mariana, uma mulher independente que vivera um tempo em Paris, onde se envolveu com muitos homens, mas nenhum casamento. A paixão que realmente marcou sua vida ela não conseguiu ter, pois esse homem era casado e fiel à sua esposa, dando à Mariana apenas um poema: “Os jovens amantes buscam perfeição. Antigos amantes aprendem a arte da costura juntos e aprendem a ver beleza nos múltiplos remendos”.²

Nas cenas finais, acontece uma mudança no clima, inicia um vendaval muito forte, que pode ser associado a mais uma metáfora relacionada às idéias de Finn. Sua tese voa pela janela aos quatro cantos. Após um encontro com sua mãe, sua cabeça fica confusa ao saber que a sua mãe e seu pai iriam casar-se novamente, uns 20 anos depois que ela gostaria que isso tivesse acontecido. Ao contestar a mãe, esta lhe pede que esqueça tudo o que falara a respeito do pai até então, pois estava enganada.

Ao passar o mau tempo, as coisas parecem ficar mais claras para todos os personagens. E, neste sentido, “podemos refletir a idéia que ato de compartilhar a memória é um trabalho que constrói sólidas pontes de relacionamento entre os indivíduos – porque alicerçadas numa bagagem cultural comum – e, talvez isso, conduza à ação” (SIMSONS, 2000, p. 66).

Sophia obriga-se a entrar no laguinho construído pelo marido para pegar umas folhas do trabalho de Finn que estavam lá dentro, senta-se e passa a relembrar das coisas boas que viveu e parece conseguir ressignificar alguns fatos infelizes do passado. Assim também:

Estudos referentes histórias de vidas podem ajudar-nos a ver o indivíduo em relação com a história do seu tempo, permitindo-nos encarar a intersecção da história de vida com a história da sociedade, esclarecendo, assim, as escolhas, contingências e opções que se deparam ao indivíduo. (GOODSON, 1995, p. 75)

Em, no meio ao vendaval, abriga-se no atelier do marido e percebe que lá só haviam retratos seus e acaba dando-se conta de que, apesar das traições, fora a única mulher que ele realmente amou. No meio da tempestade, cai um pedaço dos cacos da parede de Gladys e esta, em vez de colá-lo novamente, decide por abaixo a parede toda, acabando com seu ressentimento e perdendo a traição da irmã.

O filme termina com a colcha pronta. A avó cobre Finn, o corvo surge novamente na história e a guia através das plantações até o seu verdadeiro destino: Sam.

História de vida em pesquisas educacionais

Ao relacionarmos esta produção cinematográfica com a abordagem teórico-metodológica Histórias de Vida e observando-a no campo das pesquisas educacionais, podemos notar o quanto esta abordagem suscitou e continua a provocar muitos debates epistemológicos e metodológicos devido à extrema riqueza de seu material biográfico e de toda sua potencialidade nas pesquisas nos campos das Ciências Humanas e Sociais. Neste sentido, partimos do pressuposto de que na vida não há fatos, o que existem são apenas histórias e, portanto: “a história é uma e podemos dizer que não há senão uma história” (HALBWACHS, 1990, p. 85).

Josso (2004, p. 58) nos apresenta os motivos pelos quais as histórias de vida podem se tornar um excelente instrumento na formação, tendo como perspectiva “transformar a vida socioculturalmente programada numa obra inédita a construir”. Uma viagem empreendida pelo próprio sujeito, ao longo da qual vai se conhecendo como viajante, tomando consciência dos itinerários escolhidos, dos encontros e desencontros, das parcerias durante a viagem, das marcas deixadas pelo caminho, das aprendizagens, lacunas. Viagem e viajante que aos poucos vão se cruzando e se reconhecendo como sendo um só.

O interesse por um trabalho que levasse em conta os aspectos subjetivos na área da educação estava demonstrando toda uma mudança em um aspecto mais geral, relacionada com as mudanças paradigmáticas que punham em questão os pressupostos das ciências clássicas, rompendo com métodos e modelos estabelecidos de pesquisa, ousando, assim, construir modos próprios de enfrentar suas questões.

Neste sentido, utilizamos, como aporte para esta discussão, as obras de Morin (1999) e Boaventura de Souza Santos (2000), que nos ajudam a esclarecer esta mudança de paradigma e o quanto a ciência moderna, como um modelo de racionalidade hegemônica, vista como uma ciência isolada, neutra, fechada sobre si mesma, já não dava mais conta de responder questões atuais.

Perante esta urgência de transformações que são necessárias, Boaventura de Souza Santos (2000, p. 70-71) nos remete a pensar em um novo paradigma, em um conhecimento solidário, flexível e prudente, que nos permita refletir epistemologicamente sobre o conhecimento, entendendo que:

Em vez da eternidade, temos a história; em vez do determinismo, a imprevisibilidade; em vez do mecanicismo; a interpenetração, a espontaneidade, e a auto-organização; em vez da reversibilidade, a irreversibilidade e a evolução; em vez da ordem, a desordem; em vez da necessidade, a criatividade e o acidente.

Morin (1999, p. 26-27) também propõe um novo caminho para a pesquisa:

Caminhamos, hoje, em direção à pesquisa de uma razão aberta, e não mais de uma razão fechada nos princípios da lógica clássica. É preciso tentar penetrar nesse universo novo. O problema que se coloca não é o de substituir a certeza pela incerteza, a separação pela inseparabilidade ou a lógica clássica por não sei o quê... Trata-se de como vamos fazer para dialogar entre certeza e incerteza, separação e inseparabilidade, etc.

O saber rigoroso, a verdade absoluta, vista pela modernidade como a ciência que através dos métodos ditos científicos favorecem uma validade estatística, pretende excluir toda a subjetividade individual social ou cultural, mostra-se totalmente o inverso do que se buscou fazer em pesquisas, utilizando como metodologia a História de Vida, que se foca na subjetividade e nas experiências do atores sociais e que propõe colocar o trabalho de análise dos relatos e das experiências vividas na perspectiva das ideias, representações e referenciais de interpretação.

No contexto atual das pesquisas educacionais, é possível perceber o crescente número de estudos com Histórias de Vida e podemos observar o uso dessa metodologia no âmbito da formação de professores.

A abordagem biográfica utilizada neste trabalho reforça o princípio, afirmado por António Nóvoa (apud PEREIRA, 2004), segundo o qual é sempre a própria pessoa que forma e forma-se à medida que elabora uma compreensão sobre o seu percurso de vida. Sendo assim, o indivíduo se torna ator do seu processo de formação, através da retrospectiva do seu percurso de vida.

Mas, então, nos perguntamos: o que entendemos por formação?

Formação de professores é um processo que se inicia muito antes do curso superior escolhido, envolvendo todas as experiências escolares, como aluno, todas as escolhas, as vivências, prosseguindo em todo o trajeto profissional do docente. Oliveira (2004) complementa esta ideia, afirmando que a formação acontece ao longo da vida, em tempos e espaços diferenciados e, até mesmo, nos processos de escolarização, na condição de aluno, com experiências positivas e negativas que fizeram a diferença na construção de uma representação do professor.

Garcia (1992, p. 21-22) também traz sua concepção de formação, na qual esta:

Apresenta-se como um fenômeno complexo e diverso sobre o qual existem apenas escassas conceitualizações e ainda menos acordo em relação às dimen-

Costurando histórias: histórias de vida e suas contribuições na educação

sões e teorias mais relevantes para a sua análise. [...]. Em primeiro lugar a formação como realidade conceptual, não se identifica nem se dilui dentro de outros conceitos que também se usam, tais como educação, ensino treino, etc. Em segundo lugar o conceito formação inclui uma dimensão pessoal de desenvolvimento humano global que é preciso ter em conta face a outras concepções eminentemente técnicas. Em terceiro lugar, o conceito formação tem a ver com a capacidade de formação, assim como com a vontade de formação.

A concepção de método (auto)biográfico que Nóvoa (apud PEREIRA, 2004) defende está bastante ligada à concepção de História de Vida concebida pelo autor Gaston Pineau (apud PEREIRA, 2004). Segundo ele, esse método de investigação procura estimular a autoformação, à medida que o esforço pessoal de explicitação de uma dada trajetória de vida obriga a uma grande implicação e contribui para uma tomada de consciência individual e coletiva.

Esse olhar, em que a metodologia deste trabalho se objetiva, permite que o professor esteja focado em suas produções e sua subjetividade, fazendo com que ele relate sobre suas lembranças, sobre suas experiências, através do que é significativo para si, permitindo que ocorra um processo de formação, ou melhor, de autoformação. E como aponta Moita (apud NÓVOA, 1995, p. 114), “O educador é o principal utensílio do seu trabalho e é o agente principal da sua formação”.

Esta metodologia, que permite dar voz aos professores, valoriza suas subjetividades e reconhece os direitos de falarem por si mesmos. Abrir um espaço para que os docentes relatem as vivências que produziram marcas, sentimentos e emoções, imediatamente permite a reconstrução de sua trajetória de vida e também a ressignificação de acontecimentos e sentimentos.

Por meio dessa metodologia, temos acesso aos contextos sócio-históricos e culturais, aos comportamentos e às representações de um coletivo que se manifesta na singularidade da pessoa, bem como compreendemos as várias histórias, num tempo/espaço específico.

Sendo assim, História de Vida, segundo Dominicé (1988, p.140):

É outra maneira de considerar a educação. Já não se trata de aproximar a educação da vida, como nas perspectivas da educação nova ou da pedagogia ativa, mas de considerar a vida como o espaço de formação. A história de vida passa pela família. É marcada pela escola. Orienta-se para uma formação profissional, e em consequência beneficia de tempos de formação contínua. A educação é assim feita de momentos que só adquirem o seu sentido na história de uma vida.

Claiton Rosa Espindola – Vanessa Alves da S. de Vasconcellos

Percebemos o quanto esta abordagem teórico-metodológica se mostra como uma possibilidade de se repensar a formação, pois possibilita ao docente voltar para seu passado, reconstruir seu percurso de vida, refletir sobre si, tomando consciência tanto no plano individual como no coletivo, como também esta metodologia se mostra como uma alternativa para se fazer pesquisas na área educacional, trazendo como possibilidade também que sejam construídas teorias sobre a formação.

Para além das pesquisas... um encontro com a experiência

Ferry (2004, p. 54) aponta que “Nadie forma a outro”. Dentro desta afirmativa, sinalizamos o fato de que não recebemos uma determinada formação de fora, pois esta não se recebe e, na mesma perspectiva desse autor, afirmamos que é o indivíduo que se forma e é ele que encontra a sua forma. Nesse sentido, cada um é responsável por sua formação, sendo essa mediada por dispositivos que podem ser leituras, reflexões acerca de suas vivências, relações com os outros, grupos de pesquisas, grupos de aprendizagem, cursos, entre outras atividades que mobilizam saberes, possibilitando a formação e o desenvolvimento deste docente. Enfim, são dispositivos para formação, ou seja, meios para se chegar a ela.

Em torno dessa discussão sobre a formação e a possibilidade de acreditar que a história de vida põe em relevo toda a ação humana que atua e colabora para uma expansão da memória coletiva, trazemos, para este artigo, uma experiência formativa realizada em uma escola da rede estadual de ensino da cidade de Santa Maria, promovida com a parceria desta com o Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação e Imaginário Social (GEPEIS), da qual fazemos parte.

O Grupo vem há muitos anos trabalhando nos projetos de investigação/formação com as narrativas de vida de professores como um dispositivo que coloca os docentes num tempo para si, através da reconstrução dos seus trajetos formativos. Além das assessorias realizadas nas escolas, o GEPEIS realiza vivências, com espaços de experimentação, construídas a partir do trabalho com a memória que reconstrói, recria, inventa e esquecem imagens, repertórios esses que são revisitados pelo trabalho da oralidade e/ou da escrita.

Esta parceria GEPEIS e escola surgiu com a solicitação de assessoria para a formação continuada feita pela direção e docentes da instituição e que nos fizeram pôr em prática todas as questões teórico-metodológicas estudadas em nosso grupo, em destaque a formação e a história de vida.

Desde o início de nosso envolvimento com a escola e de todas as vivências e reuniões realizadas tanto no âmbito escolar, como também da universidade, a primeira questão que deixamos claro ao grupo de professores foi nossas perspectivas em relação à formação docente, que é pensada e desenvol-

Costurando histórias: histórias de vida e suas contribuições na educação

vida a partir dos saberes dos próprios professores. Sinalizamos que não estávamos ali para trazer um saber soberano, mas que, na verdade, nossa intenção era de mostrar o quanto o cotidiano escolar, como afirma Marques (2001, p. 85), é “um espaço formativo de construção/reconstrução do saber pedagógico de um corpo docente que troca experiências e resgata histórias de vida na perspectiva de experiências e saberes compartilhados na interlocução e de ações em parceria”.

Ressaltamos nesses encontros formativos que é na valorização do próprio cotidiano escolar como um espaço formativo, ressaltando as aprendizagens, que o docente adquire suas próprias experiências. Na intenção de mostrar o quanto o professor é produtor de conhecimento é que focamos em desenvolver uma atitude ativa no enfrentamento do cotidiano escolar, pensado na formação dos professores como profissionais reflexivos, questionadores, capazes de problematizarem criticamente a realidade, enfim, profissionais comprometidos com seu trabalho.

A metodologia História de Vida mostra, nesta experiência, a importância de dar destaque à trajetória tanto pessoal, como profissional, acionando mecanismos de reflexão sobre as escolhas, os desejos, as expectativas e as motivações que impulsionam a carreira docente, reconhecendo as vivências construídas no cotidiano escolar, as relações interpessoais como constituinte do processo formativo. Os encontros desenvolvidos a partir desse projeto davam espaço para que fosse possível a reflexão sobre os saberes experienciais e outros saberes e conhecimentos necessários à docência.

Vivemos uma infinidade de momentos que nos marcam, que nos fazem chorar, rir, ser forte ou fraquejar, influenciando em nossa maneira de olhar e agir, tanto profissional como pessoalmente, mas certas vivências atingem o *status* de experiências quando fazemos um trabalho reflexivo sobre o que se passou e sobre o que foi observado, percebido e sentido. Compartilhamos esse pensamento com Josso (2004, p. 44), quando afirma:

Esse modo de reconsiderar o que foi a experiência, oferece a oportunidade de uma tomada de consciência do caráter necessariamente subjetivo e intencional de todo e qualquer ato de conhecimento, e do caráter eminentemente cultural dos conteúdos dessa subjetividade, bem como da própria idéia de subjetividade.

É através desta perspectiva metodológica que o professor, por meio da construção das narrativas, tem um espaço para relatar suas aprendizagens, suas angústias, o que está mobilizando-o, conduzindo-o a uma reflexão de si, de suas práticas e de sua vida, bem como ressignificando posturas, saberes e práticas como docente.

Claiton Rosa Espindola – Vanessa Alves da S. de Vasconcellos

Com o sucesso dessa parceria, o trabalho ainda se desenvolve, e dar continuidade a este projeto contribui na formação de todos envolvidos, tanto dos professores da escola como também de cada integrante do grupo que se envolve nesta empreitada. Todos juntos aprendemos, ensinamos e compartilhamos saberes, num movimento em que o diálogo é aberto e que valoriza toda a prática docente.

Considerações finais

Colcha de Retalhos é um bom drama para conhecer um pouco mais sobre as problemáticas femininas, sendo possível observar o comportamento da mulher frente ao homem, seus anseios e renúncias dispostos em diversas temáticas, como: casamento, monogamia, filhos, liberdade sexual, dentre outros temas que surgem à medida que está sendo feita a costura dos quadrados que contêm as histórias de cada uma através das figuras dos desenhos e estampas.

No elenco, estão grandes atrizes, hoje entre 50 e 60 anos. A direção, a produção e o roteiro do filme e também a autoria do livro são de mulheres. O papel dado aos homens são apenas de coadjuvantes. Assim, podemos dizer que é um filme com olhar e alma feminina que vem ilustrar uma necessidade de libertação de valores tradicionais da sociedade de décadas passadas.

Com uma abordagem “doçamarga”, inteligente e sensível nos transmite ideias de que não existem padrões e modelos dados para a vida, mas sim tentativas e erros. No final, Finn acredita que seu casamento com San tanto poderá dar certo e ser maravilhoso quanto dar errado, mas ela tem que apostar, pois, parafraseando uma das falas do filme, para se fazer uma colcha de retalhos é preciso escolher com cuidado as combinações. As certas vão embelezar a colcha e as erradas vão embotar as cores.

Dessa forma, utilizamos o filme também para enfocar o uso de histórias de vida como uma metodologia na área da educação que nos permite explorar aspectos da subjetividade dos atores sociais e que extrapola os métodos convencionais de se fazer pesquisa, tendo como foco a subjetividade como campo para novas formulações teóricas e metodológicas, desde as primeiras décadas do século XX.

A História de Vida permite a auto-compreensão do que somos, compreende as experiências que passamos ao longo de nossa trajetória, as aprendizagens construídas, a um processo de conhecimento de si e dos significados que atribuímos a fenômenos que tecem nossas vidas. É uma metodologia que permite formação aos atores sociais que participam da pesquisa, pois, a partir de suas vozes, relatando sobre acontecimentos de sua vida, ele próprio reconstrói sua trajetória, reflete sobre ela, toma consciência de si, como também podemos ter contato à sua singularidade que nos dá acesso a momentos e contextos históricos.

Costurando histórias: histórias de vida e suas contribuições na educação

E também além de pensarmos a metodologia História de Vida como uma rica metodologia para ser trabalhada em pesquisas, visualizamos-a como uma forte componente em espaços formativos, como no exemplo do projeto realizado em parceria com a Escola Estadual e o GEPEIS, mostrando esta metodologia como mobilizadora de saberes, possibilitando a formação e o desenvolvimento dos docentes.

“Numa história de vida podem ser percebidos rupturas e continuidades, coincidências temporais e espaciais, transferências de preocupações e interesses, quadros de referências presentes nos vários espaços” (OLIVEIRA, 2004, p. 17-18). No filme observamos, no momento final, em que a avó cobre a neta com a colcha pronta. Ali, a jovem está sendo coberta com todas as histórias de amor, sofrimento e prazer que representam aquelas mulheres.

E de fato podemos pensar que desde nosso nascimento somos cobertos de uma forma ou de outra pelas colchas tecidas através de nossa cultura que ao longo de várias gerações nos são transmitidas. “A memória apóia-se sobre o ‘passado vivido’, o qual permite a constituição de uma narrativa sobre o passado do sujeito de forma viva e natural, mais do que sobre o passado apreendido pela história escrita” (HALBWACHS, 2004, p. 75).

O filme pôde ser entendido como um ótimo exercício para o Seminário temático: Memória, Formação e Histórias de Vida, para tentarmos compreender melhor a abordagem teórico-metodológica História de Vida e através da escrita deste artigo também produzir conhecimento em torno desta abordagem que se mostra como um exercício de autoformação a quem se envolve com ela, oportunizando também reconstruirmos nossas colchas e descobrirmos e reconhecermos nossos retalhos, sejam eles coloridos ou sombrios, mórbidos ou vivazes, ainda pesados ou leves, revivendo e ressignificando sentimentos e emoções que dão forma e acesso a contextos sócio-históricos e culturais manifestados na singularidade de cada pessoa.

As histórias de vida são como entrar em lugares onde sujeitos se produzem com risco. É a descoberta e a valorização desta singularidade que marca a metodologia das histórias de vida, que coloca o sujeito na centralidade de um processo experiencial de formação e aprendizagem. Podemos dizer que a experiência de trabalhar com os conceitos das histórias de vida nos permitiu voltarmos-nos para nossas próprias histórias como quem procura compreender seu tempo, seu passado, foi um movimento de muitas descobertas, angústias e, é claro, um exercício de valorização de nossa subjetividade. Pensamos ser também a marca da metodologia das histórias de vida discutidas aqui – esta exigência do sujeito estar na centralidade do seu processo de formação e, só assim, validar sua experiência, possibilitando aprendizagens e ressignificações.

Referências

CONNELY, F. M.; CLANDININ, D. J. Relatos de experiencia e investigación narrativa'. In: LARROSA, J. et al. **Déjame que te cuente**: ensayos sobre narrativa y educación. Barcelona: Laertes, S. A de Ediciones, 1995.

DOMINICÉ, P. O que a vida lhes ensinou. In: NÓVOA, A.; FINGER, M. (Org.). O método (auto)biográfico e a formação. Lisboa: Ministério da Saúde, Depart. de Recursos Humanos da Saúde/Centro de Formação e Aperfeiçoamento Profissional, 1988b, p. 131-153.

FERRY, G. **Pedagogía de la formación**. Buenos Aires: Centro de Publicaciones Educativas Y Material Didactico, 2004.

GARCIA, C. M. A formação de professores: novas perspectivas baseadas na investigação sobre o pensamento do professor. In: NÓVOA, A. (Org.). Os professores e sua formação. Lisboa: Dom Quixote, 1992.

GOODSON, I. F. Dar voz ao professor: as histórias de vida dos professores e o seu desenvolvimento profissional. In: NÓVOA, A. (Org.). **Vida de professores**. 2. ed. Lisboa: Porto, 2000, p. 63-78.

HALBWACHS, M. (1877-1945). **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

_____. **A memória coletiva**. Trad. Laís Teles Benoir. São Paulo: Centauro, 2004.

HOW to Make an American Quilt. direção: Jocelyn Moorhouse. EUA. Universal Pictures. 1995.01 hs 56 min.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de vida e formação**. São Paulo: Cortez, 2004.

MARQUES, M. O. Professores falantes de si da sala de aula, da escola e na constituição da pedagogia. In: OLIVEIRA, V. M. F. de (org.). **Imagens de professor**: significações do trabalho docente. 2. ed. Ijuí: Unijuí, 2004. p. 79-90.

MOITA, M. da C. Percursos de formação e de trans-formação. In: NÓVOA, A. (Org.). **Vidas de professores**. Portugal: Porto, 1995, 114-140.

MORIN, E. Por uma reforma do pensamento. In: PENA-VEGA, A; NASCIMENTO, E. P. do. **O pensar complexo**: Edgar Morin e a crise da modernidade. Rio de Janeiro: Garamond, 1999, p. 55-68.

NARVAES, A. B. Significações da profissão professor. In: OLIVEIRA, V. M. F. de (Org.). **Imagens de professor**: significações do trabalho docente. 2. ed. Ijuí: Unijuí, 2004, p. 37-56.

NÓVOA, A. Os professores e as histórias da sua vida. In: NÓVOA, A. (Org.). **Vidas de professores**. Portugal: Porto, 1995, p. 11-30.

Costurando histórias: histórias de vida e suas contribuições na educação

OLIVEIRA, V. M. F. de. A formação de professores revisita os repertórios guardados na memória. In: OLIVEIRA, V. M. F. de (Org.). **Imagens de professor: significações do trabalho docente**. 2. ed. Ijuí: Unijuí, 2004, p. 11-23.

PEREIRA, M. V. Subjetividade e Memória: algumas considerações sobre formação e autoformação. In: OLIVEIRA, V. M. F. de (Org.). **Imagens de professor: significações do trabalho docente**. 2. ed. Ijuí: Unijuí, 2004, 91-109.

SIMMONS, O. R. de M. V. Memória, cultura e poder na sociedade do esquecimento: o exemplo do Centro de Memória da UNICAMP. In: FARIA, F.; MENDES, L. (Org.). **Arquivos, fontes e novas tecnologias: questões para a história da Educação**. Campinas, SP: Autores Associados, 2000, p. 40-73.

SANTOS, B. de S. **Para um novo senso comum: a ciência, o direito e a política na transição paradigmática**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

Notas

¹ Disciplina ofertada pelo Programa de Pós-graduação, do Curso de Mestrado em Educação, da Universidade Federal de Santa Maria.

² "Young lovers seek perfection. Old lovers learn the art of sewing spreads together and of seeing beauty in the multiplicity of patches".

Correspondência

Claiton Rosa Espindola – Av. Roraima, 1000, Cidade Universitária, Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Educação CEP 97105-900, Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil.

E-mail: claitonespindola@hotmail.com – nessa.1986@bol.com.br

Recebido em 23 de agosto de 2009.

Aprovado em 27 de julho de 2010.